

Transrealidade: Jornalismo como reflexão sobre o mundo que ninguém vê¹

Adham Fillipe MARIN²

João Pedro Libório GODOY³

Letícia Albuquerque Monteiro AGUIAR⁴

Daniela Pereira BOCHEMBUZO⁵

Mayra Fernanda FERREIRA⁶

Universidade Sagrado Coração – USC, Bauru, SP

RESUMO

Este trabalho aborda a produção de um roteiro de não ficção sobre o documentário *Menin(?): os transexuais na sociedade*, desenvolvido para a disciplina de Laboratório de Jornalismo Radiofônico II, do curso de Jornalismo da Universidade Sagrado Coração. O produto aborda a transexualidade no Brasil e tem como objetivo apresentar o tema de maneira didática, pois entende que a informação contextualizada e acompanhada de dados e depoimentos é capaz de contribuir para a superação do preconceito e da intolerância, ao desvelar uma realidade não comumente acessada pela audiência.

Palavras-chave: rádio, roteiro; documentário; transexualidade; teoria do espelho.

1 INTRODUÇÃO

A Teoria do Espelho é a mais antiga teoria do Jornalismo. Desenvolvida a partir de 1850, ela emergiu de um contexto pautado por diversas mudanças que se processavam na imprensa norte-americana a partir do surgimento de uma rentável indústria noticiosa de massas (PENA, 2008) e na contramão do jornalismo ao qual se propunha suceder: literário, ideológico, partidário, panfletário e sensacionalista.

Por conta de suas limitações, a Teoria do Espelho foi superada, entre outros argumentos, diante da constatação da impossibilidade de uma linguagem jornalística neutra, pois é necessário considerar que a transmissão do significado envolve mediação. “Além disso, as notícias ajudam a construir a própria realidade.” (PENA, 2008, p. 128).

Nesse processo de construção da realidade, o jornalista é tanto um autor quanto um agente sócio-histórico, que infere a partir de um fluxo objetivo na realidade, sobre o qual se

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade CA 06 - Roteiro de não ficção (avulso ou seriado).

² Estudante do 7º semestre de Jornalismo da USC, e-mail: adhamfelipe@hotmail.com.

³ Líder do trabalho e estudante do 7º semestre de Jornalismo da USC, e-mail: jpchargers10@hotmail.com.

⁴ Estudante do 7º semestre de Jornalismo da USC, e-mail: leticiaaguiar@outlook.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Mídia e Sociedade (GPECOM/USC), email: daniela.bochembuzo@usc.br.

⁶ Coorientadora do trabalho. Coordenadora e professora do Curso de Jornalismo, membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Mídia e Sociedade (GPECOM/USC), email: mayra.ferreira@usc.br.

extraem informações a partir de um recorte e se constroem narrativas calcadas em margens de arbítrios objetivos e subjetivos, como explica Adelmo Genro Filho:

A relação sujeito-objeto é uma relação na qual o sujeito não só produz o seu objeto como também é produzido por ele. Ao produzir-se livremente nos limites da objetividade, ele produz a própria objetividade do mundo. Ou seja, o homem não só escolhe o seu destino ao atuar objetivamente sobre o mundo, mas também transforma o mundo à medida que escolhe seu destino, pois ele mesmo – corpo e espírito – é parcela desse mundo. (GENRO FILHO, 1987, p. 187-188).

No roteiro de não ficção, é possível exercitar essa liberdade criadora com muita autonomia, de forma a permitir que o objeto retratado seja revelado e constituído de verdade, quando se objetiva superar o senso comum, como recomenda Genro Filho (ibidem, p. 188-189). Tal pressuposto integra as funções sociais do meio, porque o rádio para o indivíduo e para a sociedade

Amplia a “experiência” pessoal, estimulando o interesse por assuntos, eventos e pessoas antes desconhecidos. [...] Contribui para o autoconhecimento e para a conscientização, oferecendo segurança e apoio. Permita que nos vejamos em relação a nós mesmos e aos outros, conectando os indivíduos com os líderes e especialistas. [...] Capacita o indivíduo a exercitar o ato de escolha, tomar decisões e agir como cidadãos. [...] Atua como multiplicador, acelerando o processo de informar a população. [...] Ajuda a desenvolver objetivos comuns e opções políticas, possibilitando o debate social e político e expondo temas e soluções. [...] Divulga ideias que podem ser radicais e que levam a novas crenças e valores, promovendo assim diversidade e mudanças [...]. (MCLEISH, 2001, P. 20-21).

Tomando como base tais funções e levando em conta que, no meio rádio, o formato documentário radiofônico tem como funções “[...] informar, mostrar uma história ou situação sempre se baseando na reportagem honesta e equilibrada” (MCLEISH, p. 191), o tema transexualidade foi escolhido para dar vida ao projeto de roteiro acompanhado de execução de radiodocumentário de não ficção como atividade da disciplina Laboratório de Jornalismo Radiofônico II, do curso de Jornalismo da Universidade do Sagrado Coração, em Bauru – SP, de maneira que pudesse informar e dar legitimidade à informação por meio de declarações de fontes que vivam a realidade que buscamos expor.

McLeish (2001) também define radiodocumentário como um programa que trabalha como pressuposto o fato e não permite a inclusão de elementos que não façam parte do campo da realidade, permitindo maior diálogo entre o gênero radiofônico e a realidade

reduzidamente desvelada sobre o tema transexualidade, ainda envolto em intolerância e preconceito.

Para tanto, é necessário considerar que a elaboração de um roteiro seguido da produção de um radiodocumentário evidencia a necessidade do amparo em ampla pesquisa documental e esforço de entrevista, de maneira que sua produção se ocupe em reconstituir um fato importante, permitindo verossimilhança à narrativa.

Pouco frequente no Brasil, o documentário radiofônico aborda um determinado tema em profundidade. Baseia-se em uma pesquisa de dados e de arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante. Inclui, ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e elaboração de um roteiro prévio. (FERRARETTO, 2001, p.57).

De maneira a obedecer à também função formadora do jornalismo, buscamos uma abordagem didática na elaboração do roteiro, que iniciasse o percurso narrativo com o esclarecimento de dúvidas que talvez pudessem permear o ouvinte, antes de dar início às declarações que tornariam claro o tema principal: a situação dos transexuais brasileiros no mercado de trabalho, entendido aqui como um tema relevante e necessário ao avanço de uma sociedade que se propõe igualitária em direitos e deveres a todos os seus membros, sem distinção de natureza sexual, de gênero, de raça e credo, como é o caso da brasileira.

2 OBJETIVO

O objetivo geral deste trabalho é produzir um roteiro de não ficção para a produção de um documentário para o meio rádio sobre a situação dos transexuais brasileiros no mercado de trabalho. A partir disso, são objetivos específicos: contextualizar o tema escolhido a partir de explicações sobre o que é transexualidade, por meio de depoimentos de especialistas e transexuais e baseado em pesquisa documental sobre o assunto; recorrer à linguagem radiofônica por meio de associações criativas entre o texto e elementos sonoros para tornar abordagem didática e atraente; contribuir para o debate sobre o assunto, a fim de superar o senso comum e ideias pré-concebidas sobre a transexualidade.

3 JUSTIFICATIVA

Historicamente, o rádio brasileiro desenvolveu funções que o levaram a ser taxado como um meio de informação ágil. Prado (1989) critica aqueles que reduzem o papel do rádio ao veículo que dá a primeira notícia. Isto porque, para o autor, o papel informativo do rádio

deve ser aliado à explicação e análise: “Pode se contar, além disso, neste sentido reflexivo, com a capacidade de restituição da realidade, através das representações fragmentadas da mesa, veiculadas com seu contorno acústico”. (PRADO, 1989, p.28).

O pensamento do autor mostra-se pertinente quando se avalia a necessidade de explicar a transexualidade para a sociedade, tema que, em geral, gera dúvidas entre as pessoas. Levando em conta o caráter universal e democrático do rádio, o meio se mostra o mais adequado para promover o acesso a informações como essas, abordadas de maneira clara, concisa e coerente, calcadas em dados e depoimentos, a fim de o produto desvelar uma realidade ignorada por muitos.

Dessa maneira, a escolha pelo didatismo na elucidação do tema e subtemas previstos no planejamento do trabalho permite checar a superação da Teoria do Espelho, ao amparar nossa produção na Teoria Marxista do Jornalismo, a qual indica que, mesmo que eivado da subjetividade de quem o idealizou e o produziu, o radiodocumentário desvela uma verdade ao evidenciar a preferência por um percurso metodológico que informe e emita uma mensagem que possibilite o processo de ressignificação pelo receptor. Desta forma, o roteiro e o documentário vislumbram do que é proposto por Genro Filho (1988) e também por Alsina (2009), quando definem a notícia enquanto processo de recorte e construção da realidade.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a produção do roteiro e do documentário e para aproveitar a abrangência do veículo, o trabalho se baseou em pesquisa bibliográfica sobre os temas rádio, linguagem, roteiro, produção radiofônica e estrutura textual radiofônica a partir das contribuições de Ferraretto (2001 e 2014), McLeish (2001) e Prado (1989). Os autores fazem parte do grupo de publicações primordiais para o auxílio da produção no meio radiofônico.

Como se trata de um radiodocumentário, calcado em fatos, entendemos que o trabalho é também jornalístico, razão pelo que a pesquisa bibliográfica se estendeu para a definição do tema enquanto produto jornalístico, sob as perspectivas de Erbolato (1991) e Lage (2001), que ensejaram na apreensão dos seguintes critérios de noticiabilidade: identificação social; ineditismo; identificação humana; impacto; consequências; raridade; interesse pessoal; interesse humano; importância e originalidade. A isso, foram acrescidas reflexões em torno de autores como Pena (2008) e Genro Filho (1988), que debatem a práxis jornalística sob o viés teórico, perspectiva ensejada na disciplina Teorias do

Jornalismo, do mesmo curso e universidade, permitindo um trabalho também integrado em termos de currículo.

Além do amparo nos critérios de noticiabilidade, o tema é importante quando se avalia que vivemos em um país que lidera o número de morte de transexuais no mundo (OMS, 2010), ficando atrás, ainda sem certeza, apenas do Iraque, país que não apresenta números oficiais sobre esse tipo de crime.

Por entendermos que a violência é oriunda, em parte, da intolerância, que pode ter origem na ausência de informações e argumentos, avaliamos a pertinência de o roteiro esclarecer as diferenças entre todos os elementos que envolvem a identidade sexual do *Homo sapiens*: identidade de gênero (homem; mulher); sexo biológico (macho; fêmea) e orientação sexual (homo, hetero ou bissexual), passando pela diferença entre os transtornos de identidade de gênero (transexualidade, transgeneralidade e travestismo), buscando, assim, dirimir as principais dúvidas que pudessem atrapalhar a inteligibilidade da produção radiofônica.

Para essa conceituação, usamos dados da OMS (Organização Mundial da Saúde), que são os mais aceitos no âmbito internacional, porém evidenciamos também a constante mudança pela qual as conceituações teóricas acerca do tema passam.

Se o foco era superar o senso comum, avaliamos que, como estratégia de abordagem inicial, o roteiro começasse por uma enquete: “Você sabe o que é um transexual?”. A produção, que configurou parte da pesquisa de campo integrante deste trabalho, evidenciou mais ainda a necessidade do esclarecimento do tema, uma vez que a sociedade não tem informações consistentes sobre o assunto e tampouco outra maneira de se informar sobre senão pelo jornalismo. “[...] o homem comum não se informa mais pelos relatos da praça, mas sim pelo que os mediadores do novo espaço público trazem até ele. Daí a nossa responsabilidade.” (PENA, 2008, p.31).

Ainda como parte da pesquisa de campo, buscamos entrevistar transexuais e representantes de movimentos ligados à luta por direitos da comunidade LGBT. McLeish (2001) evidencia a importância da entrevista na produção de documentários radiofônicos.

A principal vantagem do documentário sobre a fala direta é tornar o tema mais interessante e mais vivo ao envolver um maior número de pessoas, de vozes e um tratamento de maior amplitude. É preciso entreter e ao mesmo tempo informar, esclarecer e também estimular novas ideias e interesses. (MCLEISH, 2001, p. 192)

Foram usadas três fontes: duas representantes de organizações ligadas à proteção dos direitos dos transexuais e uma transexual, que pôde contar um pouco de sua experiência no mercado de trabalho. As sonoras foram captadas por telefone, no Laboratório de Rádio da Universidade. A técnica utilizada foi a de entrevista estruturada (GIL, 2010), a fim de permitir ao repórter conduzir o diálogo e obter as informações precisas e de maneira concisa do entrevistado, dado que a concisão é necessária para qualquer tipo de produção radiofônica.

De posse dos dados, como recomenda Ferraretto (2014, p. 227), coube um tratamento monográfico, que consistiu em agrupar e analisar os dados, a fim de encontrar convergências e divergências e pontos fortes. A partir disso, estabeleceu-se a hierarquização entre as partes, criando-se unidades temáticas, a fim de facilitar a compreensão do ouvinte sobre o tema central e as particularidades do assunto.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A partir dos objetivos traçados no planejamento do documentário, o roteiro de *Menin(?): os transexuais na sociedade* tem como início uma enquete, contextualizada por referências diretas a programas de adivinhações apresentado por Silvio Santos. A ideia era utilizar uma referência popular para atrair o ouvinte para o produto e favorecer sua identificação com o assunto a partir de questionamento respondido por pessoas como o receptor.

A partir das dúvidas expostas na enquete, o roteiro começa a respondê-las explicando questões concernentes à identidade de gênero, entremeados por dados de instituições de renome sobre o assunto, correlacionando-os à violência, a fim de indicar como o senso comum e a falta de informação podem gerar situações de intolerância. A seguir, foca-se nos relatos de testemunhas, a fim de reforçar a verdade sobre a situação de trabalho dos transexuais no Brasil, cuja presença é massiva. Ao final, busca-se trazer à tona as atividades e a importância das atividades de coletivos de proteção dos direitos da comunidade LGBT, convidando o ouvinte a refletir sobre o assunto.

6 CONSIDERAÇÕES

A produção do roteiro do documentário *Menin(?): os transexuais na sociedade*, bem como sua produção, propiciaram aos alunos a experiência de trocar conhecimentos adquiridos em mais de uma disciplina, permitindo integrar a produção do

radiodocumentário, apreendida em Laboratório de Jornalismo Radiofônico II, com a disciplina de Teorias do Jornalismo, que discute as teorias acerca do exercício jornalístico, entre outros objetivos.

Conversar com transexuais e conhecer um pouco da história de vida deles significou estar em contato com a realidade e isso foi imensamente profícuo na tarefa de jornalista como sujeito que interpreta e narra a realidade.

Todo o processo de produção do radiodocumentário foi muito enriquecedor. Aprendemos com a orientadora e a coorientadora, com os técnicos de rádio, com o cumprimento de prazos e, principalmente, com as pessoas entrevistadas. Tentamos passar informações sobre transexualidade, tema que ainda causa dúvidas até academicamente, de uma maneira leve, sutil e didática, para maior conhecimento do assunto. Isso tudo foi o que fez e faz a produção do radiodocumentário um exercício fundamental para o currículo do curso de Jornalismo da Universidade Sagrado Coração.

Observando o processo produtivo, pode-se notar que foi possível aliar conhecimento prático e teórico acerca da linguagem jornalística para um veículo específico, além de uma bagagem cultural enorme para os integrantes do grupo.

Ao final, avaliamos que o roteiro foi executado conforme se objetivava inicialmente, resultando em um produto em rádio criativo, informativo e crítico, baseado no exercício jornalístico e que desvela a transexualidade por meio do mercado de trabalho de forma didática, ampla e original, cumprindo relevante papel social sem ferir a ética profissional e aproveitando o melhor que o rádio proporciona: campo fértil para o debate das ideias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Contingent Foundations: Feminism and the Question of Postmodernism**, no Greater Philadelphia Philosophy Consortium, em setembro de 1990.

_____. **Bodies that Matter: on discursive limits of sex**. New York: Routledge, 1993.

ERBOLATO, M. L. **Técnicas de codificação do jornalismo: redação, captação e edição de um jornal diário**. São Paulo: Ática, 2008.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

_____. **Rádio: Teoria e prática.** São Paulo: Summus, 2014.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide** – Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2010.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica.** São Paulo: Summus, 2001.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo.** 2e. São Paulo: Contexto, 2008.

PRADO, Emílio. **Estrutura da informação radiofônica.** São Paulo: Summus, 1989.